

Rincon Sapiência, o Pretuguês e o Rap como Ferramentas Contracoloniais: um Estudo Sobre “Ponta de Lança (Verso Livre)”¹

Maria Luíza Bispo Ferreira²
Luane Fernandes Costa³
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho analisa o videoclipe “Ponta de Lança (Verso Livre)” (2017) do artista brasileiro Rincon Sapiência, que materializa o conceito de pretuguês, desenvolvido por Lélia Gonzalez (1988) em diálogo com a contracolonialidade, a partir de Nego Bispo (2015). Ao unir sonoridade, visualidade e textualidade, a obra reafirma a presença das expressões africanas na construção do dialeto afro-brasileiro, destacando a linguagem como ferramenta contracolonial da identidade negra no Brasil. O estudo evidencia, através de uma análise textual e imagética, como o rapper articula um diálogo político e afirmativo entre ancestralidade e contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rincon Sapiência; pretuguês; cultura afro-brasileira; linguagem; contracolonialidade.

INTRODUÇÃO

Rincon Sapiência é um dos principais nomes do rap brasileiro contemporâneo, com uma obra que se destaca por promover reflexões sobre identidade, resistência e orgulho negro. Nascido em São Paulo, o artista iniciou sua carreira na década de 2000 e consolidou-se como um dos grandes expoentes da música afro-brasileira, com um trabalho que mescla afrobeat e ritmos populares, tais como o coco, embalado por letras que articulam críticas sociais e ancestralidade africana. O álbum “Galanga Livre” (2017), seu primeiro grande trabalho solo após uma carreira de grupos e projetos paralelos, é considerado um divisor de águas no rap nacional, tendo sido nomeado o melhor disco brasileiro daquele ano pela revista *Rolling Stone Brasil*. O projeto traz à tona narrativas negras historicamente marginalizadas ao narrar a história de Galanga, rei

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, e-mail: marialuizabispo04@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação da UFPE, e-mail: luane.costa@ufpe.br

do Congo, propondo a resistência da identidade negra com inteligência lírica, versos refinados e um caráter tanto historiográfico como literário (CRUZ, 2021).

O álbum, entretanto, não é o primeiro gesto político de resgate histórico feito pelo rapper. Seu outro nome artístico, Manicongo, referencia o título atribuído aos governantes do antigo Reino do Congo, existente no continente africano durante os séculos XIV e XIX. Ao trazer à tona tais referências históricas, Rincon habilmente constroi sua trajetória enquanto um sujeito periférico negro brasileiro formado por raízes da ancestralidade africana, evidenciando um elo indissociável entre a África do passado e o Brasil do presente, rompido pela violência da deslocamento diaspórico forçado. Em entrevista à Tilt, projeto digital do site Uol, o artista fala sobre sobre esses laços:

"Você começa a conectar histórias, a ver coisas da África e achar que são similares, né? Isso norteia a família sobre o laço que temos, independentemente da caminhada. (...) Isso pode aparecer na música, na personalidade, na forma de se posicionar, em várias questões... mas acima de tudo, na vida" (SAPIÊNCIA, 2021, online).

O videoclipe “Ponta de Lança (Verso Livre)”, lançado em 2017 como um dos singles de “Galanga Livre”, é um marco que une elementos visuais, sonoros e textuais para exaltar a cultura afro-brasileira e suas múltiplas nuances, além de denunciar as desigualdades enfrentadas pela população negra. A música e o clipe refletem as vivências periféricas e ressignificam a língua portuguesa ao incorporar elementos culturais e linguísticos afro-brasileiros, conectando-se diretamente ao conceito de “pretuguês”, termo cunhado por Lélia Gonzalez, em seu texto “A categoria político-cultural de amefricanidade” (1988). Além disso, visualizamos a obra de Sapiência a partir da noção contracolonial de observar a colonialidade como um processo inacabado, que deixou feridas ainda não curadas diante de séculos de escravização e subalternização dos corpos não brancos. Antônio Bispo dos Santos (2015), o intelectual quilombola Nego Bispo, nos ajuda a formular esse pensamento:

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra-colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra-colonizadores,

os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios (BISPO, 2015, p. 47).

Desta maneira, percebemos uma confluência tanto com o trabalho de Rincon Sapiência quanto com o conceito de pretuguês de Lélia Gonzalez (1988) como formas contracoloniais de viver, perceber e defender os povos não brancos da atualidade.

O pretuguês, desenvolvido por Gonzalez, é uma forma de pensar a língua portuguesa a partir da experiência negra e periférica no Brasil. Segundo a autora, o termo é resultado da mescla entre os idiomas africanos trazidos pelos povos escravizados, como o quicongo, o quimbundo e o iorubá, e o português imposto pelos colonizadores, onde tal dialeto resiste até os dias de hoje nas periferias brasileiras. A autora afirma, ainda, que a responsável por disseminar o pretuguês é a mãe preta, pois ela era quem ajudava a socializar as crianças da casa Grande, no período escravocrata, ensinando as suas primeiras palavras. Expressões como “dengo”, “boi da cara preta”, “moleque”, “cafuné”, são algumas que fazem parte do nosso vocabulário até a atualidade, oriundas da herança africana. Outra teórica que aborda a linguagem de maneira semelhante é a escritora Conceição Evaristo (1995) que, com o conceito de “escrevivência”, também evidencia o uso da língua como forma de expressão de vivências negras e resistência identitária, ao transformar narrativas afrodescendentes em saberes culturais.

Assim, a língua falada em território brasileiro, particularmente nas comunidades negras, não é apenas uma reprodução do português europeu, mas uma reelaboração viva oriunda das línguas africanas. Essa influência se manifesta tanto na estrutura linguística como na musicalidade e oralidade, nos gestos e nos sentidos atribuídos às palavras.

ARTICULAÇÃO ENTRE ANCESTRALIDADE E CONTEMPORANEIDADE

No caso de “Ponta de Lança (Verso Livre)”, Rincon Sapiência utiliza o pretuguês para transformar a língua em uma ferramenta de empoderamento e pertencimento. Sua escolha de palavras conecta a ancestralidade à contemporaneidade das periferias brasileiras, criando um diálogo entre laços ancestrais e o vivências atuais. Na letra, o rapper canta: “Raiz africana, fiz aliança/ Ponta de lança, Umbabarauma”. Aqui, a expressão “Ponta de lança” remete tanto à figura de guerreiros africanos quanto à postura combativa das juventudes negras. Outro trechos como “Tô perto do fogo que

nem coro de tambor/ Numa roda de jongo” e “Quente que nem a chapinha no cresco/ Crespos estão se armando/ Faço questão de botar no meu texto que/ Que pretos e pretas estão se amando” reforçam a valorização de corpos negros, em um movimento de reapropriação estética e cultural.

Tais construções líricas se conectam com elementos sonoros oriundos da ancestralidade negra, como o tambor e o jongo, incorporados em batidas enérgicas e bem marcadas e vocais falados, característicos do ritmo africano Kuduro. Esse gênero musical, originado nas periferias de Luanda, capital da Angola, no final dos anos 1980, é caracterizado por uma fusão de ritmos africanos tradicionais com elementos eletrônicos modernos. O Kuduro combina influências do semba, zouk, soca, techno, hip-hop e house music, resultando em uma sonoridade acelerada e contagiante, marcada por batidas eletrônicas intensas e, por vezes, sintetizadores. As letras, frequentemente acompanhadas de dialetos locais, abordam temas do cotidiano das periferias urbanas, refletindo as realidades sociais vividas dentro das comunidades angolanas. Ao incorporar sonoridades do Kuduro à lírica de “Ponta de Lança”, Rincon reafirma a proposta contracolonial de deslocar a narrativa da subalternidade para um espaço de potência e criação.

O videoclipe complementa essa abordagem ao reforçar visualmente o protagonismo negro e a estética afrocentrada, com destaque no cenário periférico. Dirigido por Jonah Emilião, o vídeo, filmado na Cohab 1, Zona Leste de São Paulo, traz imagens simbólicas: corpos negros dançando com orgulho, embalados por movimentos que remetem a danças de matriz afro e imagens do cotidiano das favelas brasileiras (Imagem 01). A cenografia apresenta uma atmosfera que mescla símbolos urbanos e ancestrais, com uma textura analógica que remete ao cenário de vídeos do rap brasileiro dos anos 2000 (Imagem 02) e ao próprio Kuduro. Além disso, o próprio Rincon aparece vestindo uma camisa que traz as cores das bandeiras pan-africanas, simbolizando a união da identidade negra (Imagem 03).

Imagens 01, 02 e 03, em ordem – Cenas do videoclipe Ponta de Lança (Verso Livre).



Fonte: Capturas de tela do videoclipe Ponta de Lança (Verso Livre), de Rincon Sapiência (2017), realizadas em 05 de abril de 2025.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - OS PRETO É CHAVE, ABRAM OS PORTÕES!

“Ponta de Lança (Verso Livre)” é uma obra que materializa o conceito de pretuguês de maneira única e potente. Rincon Sapiência usa a língua portuguesa como um espaço de resistência e criação, conectando as vivências negras do passado e do presente e suas ligações interglobais, brincando com o tempo, com as memórias e com as diversas formas de manifestações culturais de matriz africana. O conjunto da obra, incluindo a visualidade, sonoridade e textualidade, é uma importante expressão do resgate do legado africano na formação cultural e linguística do Brasil, expondo formas contracoloniais de se autoinscrever no mundo: a partir da negritude, da ancestralidade e da potência das margens. Em contraponto as tentativas de higienização da cultura afro-brasileira, Rincon exhibe, a partir de suas imagens, de sua música e de sua letra, possibilidades de existência para além da colonialidade, criando um manifesto de autoamor à negritude, exaltando a cultura, como a música e a religiosidade - pois, como foi visto, o artista remete ao rap, ao funk, aos tambores, ao jongo, a macumba, - ao afeto: “Faço questão de botar no meu texto que pretos e pretas estão se amando!”, evoca artistas como Leci Brandão e Lupita Nyongo, e a todo momento recita frases onde reforça a autoestima e o autoamor da negritude, combatendo narrativas racistas: “Pra

ficar mais claro, eu escureci”, “Se o padrão é branco, eu erradiquei”. Assim, Sapiência utiliza de forma pedagógica as próprias ferramentas do colonizador - como a linguagem portuguesa -, contra ele, expondo estratégias de fuga assim como seus ancestrais remanescentes quilombolas fizeram outrora, nos ensinando como resistir na contemporaneidade.

“Quando nós falamos tagarelando
e escrevemos mal ortografado
quando nós cantamos desafinado
e dançamos descompassado
quando nós pintamos borrando
e desenhamos enviesado
não é porque estamos errando
é porque não fomos colonizados”
Antônio Bispo dos Santos

REFERÊNCIAS

- CRUZ, Ezequiel Santos. **Os dois galangas: narrativas afro-diaspóricas em Chico Rei e Rincón Sapiência**. *Palimpsesto* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 20, n. 36, p. 85-97, set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2021.57096>. Acesso em: 6 abr. 2025.
- EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Izabela Rêgo (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 23-30.
- GONZALEZ, L. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.
- SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília, DF: INCTI/UnB, 2015.
- SAPIÊNCIA, Rincon. **Origens: o filho da turma que veio andando**. Entrevista concedida a Guilherme Tagiaroli. *Tilt - UOL*, São Paulo, 5 maio 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/ancestralidade-rincon-sapiencia.htm>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- SAPIÊNCIA, Rincon. **Ponta de Lança (Verso Livre)**. In: **Galanga Livre**. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. 1 faixa (3 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/album/1NPY2BgFDv9abED1oZpFoO>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- SAPIÊNCIA, Rincon. **Ponta de lança (Verso Livre)**. [Videoclipe]. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. 1 vídeo (3 min 48 s). Publicado por **Rincon Sapiência**. Disponível em: <https://youtu.be/vau8mq3KcRw>. Acesso em: 5 abr. 2025.